



DOCUMENTOS

O primeiro texto crítico sobre a poesia de Agostinho Neto: a avaliação certa do jovem Mário António

The first critical text on Agostinho Neto's poetry: the accurate assessment of young Mário António

Francisco Topa¹

orcid.org/0000-0001-6929-5618

ftopa@letras.up.pt

Recebido em: 21/4/2020.

Aprovado em: 21/5/2020.

Publicado em: 25/2/2021.

Resumo: Este breve artigo estuda e dá a conhecer o primeiro texto crítico sobre a poesia de Agostinho Neto. Saído em Moçambique, em 1951, em uma altura em que muito poucas composições de Neto estavam publicadas, o texto revela um juízo acertado do seu jovem autor, o futuro poeta, ensaísta e crítico Mário António Fernandes de Oliveira.

Palavras-chave: Literatura angolana. Agostinho Neto. Mário António. Crítica.

Abstract: This brief article studies and introduces the first critical text on the poetry of Agostinho Neto. Released in Mozambique, in 1951, at a time when very few of Neto's poems had been published, the text reveals a correct judgment of its young author, the future poet, essayist and critic Mário António Fernandes de Oliveira.

Keywords: Angolan literature. Agostinho Neto. Mário António. Criticism.

Por estranho que possa parecer, Angola e Moçambique estavam, no início da segunda metade do século passado, mais próximos do que hoje, pelo menos em domínios como a literatura. A imprensa é uma boa prova dessa atenção recíproca, como o exemplificará este breve artigo, centrado num caso com algumas particularidades interessantes e, tanto quanto julgo saber, desconhecidas.

Trata-se de um artigo de Mário António Fernandes de Oliveira publicado em *O Brado Africano*, da então Lourenço Marques, Moçambique, a 12 de maio de 1951. Intitulado "Agostinho Neto, poeta de Angola" constitui, segundo creio, o primeiro texto crítico sobre a poesia do autor de *Sagrada Esperança*, sendo de notar que o seu autor (nascido a 4 de maio de 1934) acabara de completar 17 anos. Fundando em 1919 pelos irmãos João e José Albasini, *O Brado Africano* assumira desde o início uma postura reivindicativa dos interesses locais, abrindo as suas páginas aos autores que viriam a definir a nova literatura moçambicana, como José Craveirinha ou Noémia de Sousa.

Do lado contrário, também os jornais angolanos acompanhavam a atualidade literária de Moçambique: basta referir que o segundo número (de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade do Porto (U.Porto), Porto, Portugal.

Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM), Porto, Portugal.

outubro de 1952) da efêmera mas decisiva revista *Mensagem* incluía dois poemas de Noémia de Sousa ("Negra" e "Sangue negro"), juntamente com um artigo de José Craveirinha sobre a autora, aí classificada como "o poeta [note-se como Craveirinha também nisso estava à frente do seu tempo] número um de Moçambique, o poeta dos versos que exprimem dor, desenganos, orgulho e ameaças, mas esmola nunca" (CRAVEIRINHA, 1952, p. 40).

De qualquer modo, e não obstante esta reciprocidade, não deixa de ser incomum a abertura das páginas de um jornal moçambicano para a apresentação de um poeta em início de carreira e com uma reputação cívico-política contrária ao regime dominante. De facto, segundo escreve Mário António, só três poemas de Agostinho Neto estavam publicados na altura: "Quitandeira", "Por detrás das grades" e "Certeza". Esta é, aliás, uma informação que não é fácil de verificar, dado que o trabalho de levantamento das publicações esparsas dos textos de Neto está ainda por fazer. Neste caso concreto, nem todos as três composições são identificáveis pelos títulos: se "Quitandeira" é um poema conhecido, incorporado muito mais tarde no livro *Sagrada Esperança*, o mesmo não acontece com os outros dois. "Certeza" (que saiu com esse título na antologia de 1961 da Casa dos Estudantes do Império) é seguramente o poema "Não me peças sorrisos", mas o outro texto suscita mais dúvidas. Corresponderá "Por detrás das grades" à composição "Crueldade" de *Sagrada Esperança*?

Há outras dúvidas que decorrem da leitura do texto de Mário António, designadamente a existência de uma carta-prefácio que Vitorino Nemésio (professor de literatura da Universidade de Lisboa, poeta, ficcionista e ensaísta) teria escrito sobre "Quitandeira". Não pondo em causa a veracidade da informação, trata-se de um dado que requer uma pesquisa adicional.

O mais importante, contudo, é a apreciação que o jovem Mário António faz da poesia de Agostinho Neto, que considera "um dos nomes mais repre-

sentativos da nova geração angolana", um "poeta de incontestável personalidade", com uma poesia "forte, ampla, esperançosa, humana". Na sua perspectiva, a carreira de Neto poderia vir a alcançar o mesmo brilho que estaria a obter a de Geraldo Bessa Victor (1917-1985), embora mais à frente, analisando o poema "Quitandeira", sublinhe a diferença que já sentia existir entre os dois: "Agostinho Neto é um exemplo de confiança e de força".

Para além desta leitura precocemente acertada da poesia do autor de *A renúncia impossível*, é de notar a cultura literária demonstrada pelo articulista. É que, para além da comparação que estabelece com Bessa Victor, o futuro ensaísta de *A formação da literatura angolana* refere também, por contraste, um dos sonetos do moçambicano Rui de Noronha, cita uma passagem do "Requiem für Wolf Graf von Kalckreuth" de Rilke e uma outra de um poeta brasileiro hoje pouco lembrado, Attilio Milano.

Feita esta breve apresentação, é tempo de dar a palavra àquele que Francisco Soares considerou o representante de uma estética e uma ética da crioulidade. Falta apenas dizer que o texto virá transcrito segundo a nova ortografia vigente em Portugal e que as notas são da minha responsabilidade.

O Brado Africano, 12/05/1951, p. 4.

Agostinho Neto, poeta de Angola

Conhecemos Agostinho Neto quando mão fraterna no-lo indicou como aluno distinto do 7.º ano², que fizera os exames do 2.º ciclo com brilhantismo, tendo alcançado a classificação máxima em Inglês.

Mais tarde, quis o destino que através de toda a nossa carreira liceal, lidássemos de perto com um próximo parente seu, rapaz de extraordinárias faculdades de trabalho e inteligência, o que nos permitiu vir tomando conhecimento dos sucessos da sua vida de estudante de Medicina em Coimbra.³

Relações diretas entre nós, nunca as houve, o que nos ajuda a tomar uma posição neutral e assegura, em certa medida, a imparcialidade das breves impressões que constituem esta notícia, cujo fim outro não é senão tornar conhecido em Moçambique um dos nomes mais representativos da nova geração angolana, no

² Agostinho Neto concluiu o ensino secundário em 1944, no Liceu Salvador Correia, em Luanda, pelo que Mário António teria 10 anos quando dessa apresentação.

³ Nessa data, Neto já era estudante da Universidade de Lisboa, para onde se transferira dois anos antes.

começo ainda de uma carreira que poderá vir a ser brilhante, à semelhança do que está sucedendo já agora a esse outro moço angolano que é Geraldo Bessa Victor.

**

Agostinho Neto é, dos novos poetas de Angola, o menos conhecido e aquele que tem publicado menor número de poesias. Ao todo, conhecemos-lhe três (brevemente publicará outra no órgão *Cultura*⁴), além dos escritos publicados, quando ainda aluno liceal, no jornal *O Estudante*, a cujo corpo redatorial pertenceu.

Não obstante isso, Agostinho Neto revela-se-nos já como poeta de incontestável personalidade. A sua poesia é forte, ampla, esperançosa, humana.

Não perde o tempo em lamentações estereis (ai, *a praga dos poetas que se lamentam e nada dizem!* – como diria Rilke⁵), cantando amores doentios, ou nesse sensualismo ignóbil em que se atola toda essa poesia pretensamente africana que, ainda hoje, enche os nossos jornais.

Dotado de uma técnica segura, a sua poesia é livre – libérrima. O seu pensamento (a sua poesia é, sobretudo, pensamento) não se contém em metros fixos ou em rimas.

Perfilhou as mesmas ideias que levaram o brasileiro Attilio Milano a escrever:

*Se o meu alexandrino não tem o hemistiquio, deixa-o, que assim fica mais amplo.*⁶

De facto, a poesia de Agostinho Neto, sem heroicos, nem alexandrinos, nem hemistiquios, é ampla e vibrante: nela cabe tudo o que o poeta pensa, todo o ritmo interior do seu pensamento.

Lendo-o, sentimos a força enorme de alguém que quer encher os pulmões de ar fresco das montanhas; de alguém em busca de sua realização e da de uma Humanidade melhor e mais perfeita.

Assim é, sobretudo, nos poemas "Por detrás das grades" e "Certeza".

**

Dentro da diferença proposta pelo estudante moçambicano Victor Matos⁷, entre *poesia e poetas africanos* e *poesia e poetas d'África*, não hesitaremos em colocar Agostinho Neto dentro daquela primeira categoria, embora

não esqueçamos nunca o carácter fortemente universal de quase todas as suas composições.

Agostinho Neto, como africano e negro que é, não pode deixar de exprimir os problemas da sua Raça. É no poema "Quitandeira", que mereceu uma carta-prefácio do Prof. Dr. Vitorino Nemésio, que melhor se revela essa faceta da sua obra.

Conhecemos, pelo menos, mais três poesias, de autores diversos, publicadas em Angola e subordinadas ao mesmo tema. Agostinho Neto, porém, veio tratá-lo de maneira inteiramente nova.

Não se deixou iludir pela garridice dos panos listrados da boa mulher apregoando laranja boa, do quimono florido, curto, deixando ver os seios chupados, ou pelo pitoresco do seu pregão.

À sua poesia não convêm exterioridades, mas a *verdade* que atrás delas se oculta.

Nas palavras que põe na boca da quitandeira, lemos todo o drama dum raça cujo atraso, em nome de um falso altruísmo, tem sido desumanamente explorado.

Ouvimos ali, pela boca de uma velha negra, todos os problemas de um povo que, em sua maioria, talvez os desconheça, mas que Agostinho Neto, seu filho mais culto, sente e sabe exprimir.

Contudo, Agostinho Neto, confiante como poucos o são, não cai no extremo pessimista que levava Rui de Noronha a escrever:

A morte,

Não me horroriza a mim, que tudo ignoro

E como um doido noite e dia choro

A procurar saber por que nasci.

Junto a uma cova apenas me horroriza

Ouvir minha alma perguntar-me, indecisa,

Se acaso a vida não acaba ali...⁸

e inspirou a Bessa Victor os versos:

Que venha o fim do mundo! Venha... venha!

Seremos luz no Céu?

Ou seremos lenha

para a fogueira do inferno?...⁹

A poesia de Agostinho Neto é uma esperança, e a força que pressentimos através de toda ela,

⁴ Se se refere à *Cultura* – mensário de divulgação literária, científica e artística da Sociedade Cultural de Angola, o facto é que o seu lançamento só ocorreu em 1957.

⁵ Trata-se de uma conhecida passagem do "Requiem für Wolf Graf von Kalckreuth", de Rainer Maria Rilke. No original alemão, lê-se: "O alter Fluch der Dichter./ die sich beklagen, wo sie sagen sollten". Na tradução de Paulo Quintela, o trecho aparece assim: "Oh velha maldição dos poetas./ que sempre se lamentam quando deviam dizer" (RILKE, 1967 p. 93).

⁶ Não consegui localizar estes versos do poeta carioca Attilio Milano (1897-1955), irmão do mais conhecido poeta e tradutor Dante Milano (1899-1991).

⁷ Pseudónimo poético do futuro professor de filosofia Victor Raul da Costa Matos (1927-1975), nascido em Lourenço Marques mas cuja carreira literária e ensaística se desenvolveria em Portugal.

⁸ Versos finais do soneto "Horror" (NORONHA, 1946, p. 70).

⁹ Última parte do poema "O homem negro e o carvão" (VICTOR, 1943).

será a mesma que nos levará à realização das nossas mais altas aspirações.

Agostinho Neto é um exemplo de confiança e de força, aqui o apresentamos, como um dos atuais mensageiros dos nossos anseios e esperanças.

Luanda, Março de 51

Mário António Fernandes de Oliveira

Referências

CRAVEIRINHA, José. Noémia de Sousa. *Mensagem*, Luanda, 2-4, p. 40-42, outubro de 1952.

NETO, Agostinho. *Poemas*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1961.

NETO, Agostinho. *Obra poética completa*. 2. ed. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2018.

NORONHA, Rui de. *Sonetos*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central, 1946.

OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. Agostinho Neto, poeta de Angola. *O Brado Africano*. Lourenço Marques, p. 4, 12 de maio de 1951.

RILKE, Rainer Maria. *Poemas I*. Prefácio, sel. e tradução de Paulo Quintela. 2. ed. Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1967.

SOARES, Francisco. *Autobiografia lírica de M. António: uma estética e uma ética da criouldade angolana*. Prefácio de José Carlos Venâncio. Évora: Pendor, 1996.

SOUSA, Noémia de. Negra; Sangue Negro. *Mensagem*, Luanda, 2-4, p. 41, outubro de 1952.

VICTOR, Geraldo Bessa. *Ao som das marimbas*. Lisboa: Livraria Portugália, 1943.

Francisco Topa

Doutor em Literatura pela Universidade do Porto (U.Porto), em Porto, Portugal; professor associado com agregação da mesma universidade; investigador integrado do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM), em Porto, Portugal.

Endereço para correspondência

Francisco Topa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Via Panorâmica, s/n

4150564

Porto, Portugal